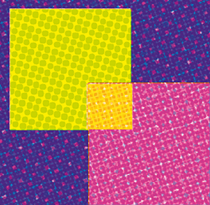
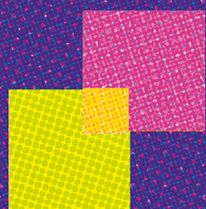


**ERIKA
HILTON**

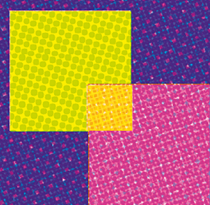


**PASTOR
HENRIQUE
VIEIRA**



**O QUE TE
FAZ LUTAR?**

Diálogo entre
uma trans e
um pastor



 **Planeta**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**ERIKA
HILTON**

**PASTOR
HENRIQUE
VIEIRA**

O QUE TE FAZ LUTAR?

**Diálogo entre
uma trans e
um pastor**

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Erika Hilton e Henrique Vieira, 2025

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Todos os direitos reservados.

Organização de conteúdo: Daila Fanny

Preparação: Laís Chagas

Revisão: Daniele Débora de Souza e Caroline Silva

Diagramação: Negrito Produção Editorial

Capa: Renata Spolidoro

As citações bíblicas foram retiradas da Nova Versão Internacional,
da Biblica Inc., salvo indicação contrária.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Hilton, Erika

O que te faz lutar? / Erika Hilton, Henrique Vieira. - São Paulo : Planeta do Brasil,
2025.

112 p.

ISBN 978-85-422-3842-6

1. Igualdade social 2. Diversidade cultural 3. Movimento LGBT 4. Identidade de
gênero 5. Política e religião I. Título II. Vieira, Henrique

25-3909

CDD 323.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Igualdade social



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação

São Paulo-SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

**Acreditamos
nos livros**

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro e impresso pela Lis Gráfica para a Editora
Planeta do Brasil em setembro de 2025.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

1. AMIZADES FORJADAS NA LUTA	9
O que nos conecta como humanos.	11
Na alegria e na tristeza	19
2. A MILITÂNCIA COMO CAMINHO DE VIDA	29
Com Jesus e na esquerda?	31
Sobreviver: um ato político.	44
3. UM CORPO QUE DÓI	53
No meu corpo, a história de muitas	55
Onde a vida acontece	66
4. POR QUEM LUTAMOS?	75
Por uma política pop	77
Aliados improváveis	84
5. APRESENTE SUAS ARMAS.	95
Ver além.	97
Com as armas do amor.	103

O QUE NOS CONECTA COMO HUMANOS

ERIKA HILTON

O Henrique tem piadas péssimas. Um dia, ele mandou no nosso grupo de WhatsApp: “Poucos sabem, mas todos os funcionários da companhia aérea dão três pulinhos quando entram no avião. Por isso são chamados de *tripulantes*”. Besta, né? Mas me divirto com ele. Mesmo quando me pego revirando os olhos, não tem como não rir. É esse tipo de humor que traz leveza para dias tão carregados.

Nós dois temos uma personalidade bem-humorada – eu, mais ácida; ele, mais boba – que nos aproximou muito. Aliás, temos muitas coisas em comum, mas só percebemos isso na convivência, na escuta cotidiana, no espaço de troca verdadeira. E apostar nessa convivência foi algo que me rendeu muitas boas surpresas. Quem diria que eu, uma mulher trans, encontraria em um pastor uma amizade possível, uma visão semelhante à minha, uma concordância e um companheiro de luta para transformar a realidade de tantas pessoas? Uma conexão improvável, mas profundamente real.

A gente se conheceu pessoalmente no lançamento da candidatura dele a deputado federal. Na época, eu era

vereadora em São Paulo. Minha equipe e a dele entenderam que seria muito importante que uma mulher negra, trans e maravilhosa como eu apoiasse a candidatura de um pastor antifundamentalista, defensor do estado laico e comprometido com a pauta da diversidade. Era uma aliança que comunicava algo maior do que apenas uma escolha eleitoral: era uma mensagem de esperança, de ruptura com estigmas, de construção de pontes onde só enxergávamos muros.

Foi, então, um encontro político. Eu me dispus, com toda a minha generosidade, a ver se aquele Henrique era mesmo tão antifundamentalista assim. No começo, ter aceitado o rolê pareceu uma péssima ideia. O hotel em que me colocaram era tão ruim que eu preferia ter dormido no colchão no meio da sala da casa de alguém. O voo de volta para São Paulo, no dia seguinte, era cedo demais. Fui ao evento um pouco revoltada, e até arrependida, pensando: “Putaquepariu, vim para essa cidade que eu ‘adooooooro’ para passar esse tipo de coisa”. Mas, depois de ter chegado ao teatro em que o lançamento aconteceria, vendo a energia das pessoas que estavam ali e conhecendo o Henrique, acreditei que tinha valido a pena. Ele era um cara bacana, o projeto era potente e as pessoas estavam apostando de verdade em um propósito que era (e ainda é) muito importante para o Brasil. Era como se, de repente, algo se alinhasse. Enfim, superamos essa.

Na Câmara, Henrique e eu entramos juntos em todos os sentidos. Foi nosso primeiro mandato como deputados, e a gente lutou lado a lado em algumas comissões importantes, como a disputa do casamento civil igualitário e a CPMI do Golpe, que investigou aquela série de eventos horrorosos na praça dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023.

A gente caminhava muito próximo, nossas equipes se reuniam para trocar ideias, organizar estratégias de fala e ação. Mas, em meio às discussões políticas, também encontramos espaço para compartilhar angústias e preocupações pessoais. A cada reunião, Henrique e eu descobríamos o que havia de comum entre nós, apesar de sermos muito diferentes. Criava-se ali uma intimidade rara, uma irmandade forjada na escuta e na confiança.

É óbvio que o ponto de união não está no fato de ele ser pastor e de eu ser uma mulher trans. Mas é interessante que nossa parceria não se desenvolveu *apesar* disso: essa diferença fundamental nos fortaleceu e trouxe uma camada política, um debate constante e uma provocação à nossa amizade e ao que temos construído juntos no espaço público. Utilizamos essa diferença para questionar o conjunto da sociedade: por que pessoas trans e pastores não podem estar na mesma mesa, comendo, rindo, se divertindo, trocando afeto, alegria? Por que justamente o que nos diferencia não pode nos complementar? Como sol e lua. Eu, sol; ele, lua. Eu sou expansiva, dada, dona de mim. O Henrique é mais tímido, alguém que gosta de sentir o terreno antes. Dessas energias tão opostas vêm uma parceria bonita e vigorosa. É bom, para mim, estar ao lado de alguém que me lembra de que também existe noite, calmaria. Que existem outras camadas de vida para além das que eu conheço e experimento. Que há silêncios que também gritam, que há pausas que sustentam discursos. E eu sei que ele adora a minha companhia e se beneficia do fato de eu ser uma diva da política.

Nossa amizade nasceu dessa impossibilidade, e é por isso, acho, que é forte. Somos dois personagens que, socialmente,

seriam muito antagônicos, mas que, na vida, inclusive na vida política, que é bem difícil, encontraram fortalecimento, amizade, irmandade, cumplicidade e um ponto de apoio para atuar contra todas as estruturas que fariam com que estivéssemos distantes um do outro. Somos exceção à regra – e queremos mudar a regra.

Para que nossas diferenças potencializassem nossa atuação conjunta, foi necessário encontrar pontos de contato. E temos vários: somos negros, nascemos na periferia, crescemos em lares envoltos pela religiosidade. Cada um, à sua maneira, ama a vida e gosta de celebrar, de experimentar essa vida, mesmo com as dificuldades do nosso corpo, da nossa história, da nossa trajetória. Temos, ainda, uma visão de mundo similar e escolhemos a política e a esquerda como instrumentos para mudar e revolucionar a sociedade.

Nossa trajetória individual cumpre um papel importante em nossa amizade, pois o fato de sermos de esquerda, do mesmo partido e muito legais não teria sido suficiente para engatarmos uma amizade. Foi apenas porque eu vivi o que vivi, e o Henrique ter vivido o que viveu, que descobrimos um ponto de conexão mais profundo e substancial do que todas as nossas diferenças. Eu poderia olhar para ele com a mesma opinião da maioria das pessoas da comunidade trans e pensar: “Pastores são os nossos maiores inimigos, precisamos combatê-los”. Mas o fato de eu ter passado pela igreja me faz separar o joio do trigo – para citar a própria Bíblia – e entender que pastores não são todos iguais. Que há nuances, contradições, trajetórias diversas.

Apesar de eu não me entender como uma pessoa religiosa, muito da nossa luta comum passa pela religião.

Henrique e eu combatemos o fundamentalismo religioso na sociedade e, especialmente, na Câmara. Cada um tem seus motivos para isso. Eu luto contra o fundamentalismo porque foi ele o responsável pelas maiores dores que carrego na vida. Foi o fundamentalismo que me jogou nas esquinas, que me sentenciou à prostituição, que roubou minha família, minha adolescência, minha ingenuidade. Ele é o culpado por todas essas perdas em minha história.

Além de nossas motivações particulares, a religião também se faz presente em nossa luta porque, conforme entendendo, a maior parte das populações do Brasil – as mulheres, os negros, as classes trabalhadoras, os grupos pobres e carentes – frequentam o espaço da igreja. Para mim, é importante que essa população não seja cooptada pelo fundamentalismo, que viceja na maioria dos espaços religiosos. Não se trata de me vingar do cristianismo, mas de atacar o fundamentalismo. Para mim, fundamentalismo é diferente de fé, de cristão, de religião, de Bíblia, de sagrado, de Deus. Fundamentalismo é político. Ele é um projeto de poder, e poucos se dão conta disso. Fundamentalismo não é sinônimo de espiritualidade. Minha mãe é uma cristã que acredita em Deus, que lê a Bíblia, que se levanta de madrugada para orar de joelhos, mas que não perpetua a lógica de segregação, desigualdade e humilhação contra determinados grupos, como o fundamentalismo faz. Um dia, motivada pela agenda de ódio do fundamentalismo, ela agiu assim, é verdade. Mas, hoje, ela entende Jesus e Deus como amor, caridade, benevolência, perdão, acolhimento, irmandade. Esses são valores centralmente cristãos que o fundamentalismo não ensina. Ele ensina a violência e a intolerância.

Minha transgeneridade é alvo de ataques diários do fundamentalismo. Pois esse projeto de poder banca a posição extremista de que pessoas trans são o próprio demônio, algo que tem infectado mais e mais igrejas. É preciso quebrar esse lugar de abjeção demoníaca que se construiu no imaginário religioso acerca de individualidades como a minha. Somos pessoas normais. Não somos promíscuas, pecadoras. Somos seres humanos que nasceram como são e que têm direito a respeito e dignidade. E, como humanos, temos dor, temos medo, temos frio. Precisamos de amparo e merecemos abrigo. Nas próprias igrejas, merecemos ser enxergadas como discípulos de Jesus e ser incluídas nas passagens dos Evangelhos que falam sobre amor, piedade, compaixão, irmandade. Merecemos o direito de possuir e exercer nossa espiritualidade. Muitas pessoas trans não podem praticar sua fé porque são excluídas de suas comunidades religiosas a partir da pregação e campanha de ódio promovida por pastores e outros líderes – homens que, de maneira hipócrita, usufruem de corpos como o meu, mas que não têm coragem de assumir publicamente seus desejos. Têm medo de se tornarem o que eles dizem ser “não humano”, “podre”, “abjeto”, mas que, apesar disso, desejam. Recalcados, reprimidos, seu desejo se mistura com o ódio de querer e não ter, e isso leva à violência, ao massacre, à morte.

Eu gostaria que pastores fizessem como o Henrique e enxergassem que não há em nós nada além de uma humanidade que existe na diversidade. Entendo que a humanidade é um lugar que precisa ser visualizado, percebido, sentido. A partir do momento em que você reconhece outro alguém como ser humano, vocês podem trocar afeto, intimidade,

cumplicidade, projetos de vida, sonhos, ideais. São duas pessoas em comunhão. Quebra-se a barreira do “Esse aí é um monstro que não pode estar entre nós” e chega-se ao “Ela é um de nós, um ser humano como nós, então merece ser ouvida e participar desse lugar, comungar dessa fé, receber nosso afeto e nosso respeito”. Minha humanidade é como a sua, como a de qualquer pessoa. É a desumanização do outro que cria a prerrogativa para a violência.

Humanizar é conectar. Os episódios tristes da vida do Henrique me conectaram a ele. Os episódios difíceis da minha adolescência estabeleceram pontos de encontro entre nós. Somos duas pessoas, duas histórias, dois corpos machucados pelo fundamentalismo, mas que buscaram e encontraram um espaço coletivo para lutar contra o que nos humilhou e, a partir daí, construir um país mais justo para outros corpos, vidas e histórias como as nossas.

Por isso, penso que nossa amizade tem algo de bonito, potente e transformador: a simbologia de alguém que traz em seu próprio corpo a luta da identidade trans se unindo a alguém que traz, não no corpo, mas na trajetória, uma luta cristã para carregar e defender, até hoje, o título de “pastor”. Esses dois personagens, que dificilmente seriam vistos lado a lado numa mesa de bar ou numa comissão da Câmara, se unem para dizer: “Aqui, entre nós, existe amor. Aqui existe a possibilidade de convivência tranquila e harmônica. Aqui estão duas pessoas que riem juntas, que compartilham sonhos, que acreditam em um mundo em que não precisam estar em guerra”.

Esse encontro pode proporcionar novos encontros e novas realidades para além de nossa vida. Nosso desafio, hoje,

é fortalecer um ao outro como pessoa e como coletividade, a fim de continuar disputando a sociedade, a esquerda, os espaços no nosso partido, os espaços públicos, os espaços religiosos, enfim, qualquer lugar, para garantir a diversidade e uma visão não fundamentalista da fé. Que a nossa história inspire outras histórias. Que o afeto seja um ato político. Que a convivência seja também resistência.



NA ALEGRIA E NA TRISTEZA

PR. HENRIQUE VIEIRA

O ano era 2023, o primeiro do meu mandato como deputado federal. Era também o primeiro ano da Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família (CPASF), que eu integrei como membro titular desde a sua instalação, em março daquele ano. Ali, herdamos da extinta Comissão de Seguridade Social e Família aproximadamente 400 projetos de lei para apreciação. Alguns estavam na Casa havia mais de vinte anos, aguardando um parecer.

Entre os projetos que recebemos, havia um relacionado ao casamento civil igualitário, ou seja, entre pessoas do mesmo sexo. Era de autoria do deputado Clodovil Hernandes (PL n. 580/2007) e estabelecia que duas pessoas do mesmo sexo poderiam contrair casamento civil e, com isso, usufruir dos mesmos benefícios legais de um casal heterossexual: direito a herança e partilha de bens em caso de separação ou morte; possibilidade de adotar e criar filhos conjuntamente; direito à pensão por morte; autorização para acompanhar o cônjuge no hospital e decidir sobre procedimentos médicos, entre outros. Era um projeto de lei

que tinha em vista a máxima constitucional de que “Todos são iguais perante a lei”.

Junto a esse projeto, foram anexados outros que tratavam do tema do casamento civil igualitário, alguns favoráveis e outros contrários. Um exemplo do último tipo é o PL n. 5.167/2009, que entende que “nenhuma relação entre pessoas do mesmo sexo pode equiparar-se ao casamento ou a entidade familiar”.¹ Em princípio, esse projeto vetava o que o projeto do deputado Clodovil buscava legalizar.

O conteúdo do PL n. 5.167/2009 era violento e desinformado. Ele pretendia resolver, “de uma vez por todas, a situação de direitos de pessoas do mesmo sexo, em relação à família e ao casamento”.² Não admitiria diálogos, revisões ou novas considerações. Seu teor era categórico: casais formados por pessoas do mesmo sexo não podem ter os mesmos direitos que os casais heterossexuais. Os argumentos que citava como defesa eram versículos bíblicos descontextualizados e um estudo espanhol claramente homofóbico, cuja autoria não pôde ser comprovada.

O deputado designado como relator, com muita fragilidade jurídica, ecoou os pensamentos homofóbicos, violentos e preconceituosos desse segundo projeto de lei. Em seu parecer, afirmou que “o casamento entre pessoas do mesmo sexo é contrário à verdade do ser humano” porque

1 Brasil. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei n. 5.167, de 2009*. Altera o art. 1.521 da Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002, que institui o Código Civil. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2009. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=654939&filename=Avulso%20PL%205167/2009. Acesso em: 5 ago. 2025.

2 *Ibidem*.

o propósito da união civil seria “a procriação, o que exclui a união entre pessoas do mesmo sexo”.³ O relator considerava, portanto, a homossexualidade, a bissexualidade e a transexualidade como experiências anômalas, patológicas e antinaturais. Como se a pessoa homossexual fosse “sub-humana” ou “subcidadã”, que, portanto, não deveria ter acesso aos direitos de um “verdadeiro” cidadão.

Durante um mês, as sessões da CPASF que debatiam esses projetos foram palco de ódio, fascismo, intolerância e LGBTfobia. As falas ultrapassaram em muito a violência das palavras do PL e do parecer do relator. As discussões rapidamente saíram do campo do direito, da Constituição, para falarem de Bíblia, de fé religiosa, de “cristofobia”. Nós, do PSOL, ao lado de outros colegas deputados, entendemos que os discursos pretendiam semear o pânico, pois alegavam que as igrejas correriam risco se o casamento homoafetivo fosse legalizado. Os deputados que se opunham ao casamento igualitário repercutiram a estratégia da extrema direita de apostar na confusão informacional e na irracionalidade, às custas da possibilidade de diálogo e de divergência.

O que afirmavam – perseguição religiosa, fechamento de igrejas, prisão de pastores que se opusessem a celebrar casamentos homoafetivos – estava longe da verdade. Desde 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) havia assegurado o direito de união civil a casais não heterossexuais. Em doze

3 Brasil. Câmara dos Deputados. *Relatório ao Projeto de Lei n. 580, de 2007*. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2023. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2320715&filename=Tramitacao-PL%20580/2007. Acesso em: 3 mar. 2025.

anos de resolução, nenhuma igreja havia sido fechada. Em contrapartida, no ano anterior ao nosso debate na Câmara (2022), 273 pessoas LGBTQIA+ haviam sido mortas no Brasil, e até abril de 2023, 80 mortes haviam sido registradas. Esses dados fazem do Brasil o país que mais mata a população LGBTQIA+ do mundo.⁴

Não contabilizei os ataques que recebi à minha pessoa, como pastor, todos proferidos por homens que se identificam publicamente como cristãos, mas que, na prática, negaram absolutamente as leis de amor ao próximo ensinadas pelo Cristo que eles dizem seguir. De qualquer forma, os ataques que eu recebi em nada se comparam aos que foram feitos contra minha amiga Erika Hilton. No fundo, as palavras daqueles homens extremamente tóxicos e violentos negavam a vida, o corpo e a dignidade da própria Erika como mulher trans.

Na maioria das sessões, Erika esteve sentada ao meu lado. Eu tinha consciência de que muitos discursos se dirigiam pessoalmente a ela – a primeira mulher trans a ocupar uma cadeira na Câmara dos Deputados –, mas eu não fazia ideia de como ela recebia aquelas palavras. Observei que nenhum daqueles discursos a imobilizou ou desestabilizou, pelo contrário, despertaram réplicas cheias de potência e autoridade, que despertaram em mim uma profunda admiração por ela.

4 Brasil. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. *Dossiê apresentado ao MDHC indica 273 mortes de LGBTIA+ no Brasil, em 2022*. 16 maio 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/dossie-apresentado-ao-mdhc-indica-273-mortes-de-lgbtia-no-brasil-em-2022>. Acesso em: 3 mar. 2025.

Nós dois ainda não tínhamos a amizade que temos hoje. A proximidade se construiu ao longo de lutas como essa nos salões de Brasília. Na questão do casamento civil igualitário, nossos mandatos e assessorias se uniram. Elaboramos estratégias de resposta e intervenção para defender a democracia, os direitos humanos e o Estado laico. Lançamos uma campanha virtual de abaixo-assinado em favor da união civil igualitária, #OAmorVence, que recolheu 240 mil assinaturas em apenas duas semanas. Mas não foram apenas mandatos e projetos se alinhando: foram vidas se encontrando e cultivando respeito, admiração e amizade. Conheci mais da Erika e de sua história, e ela conheceu mais de mim. Descobrimos diversos pontos de contato em nossas trajetórias, pontos que aproximavam em afeto o que o fundamentalismo religioso se dedicava a afastar: a amizade entre um pastor e uma mulher trans.

Nas sessões, minha admiração pela Erika crescia. Ela se empoderava e rebatia, sempre com a sua postura soberana e elegante. Vi sua força e coragem denunciando a hipocrisia religiosa, as estruturas de ódio, a má compreensão do evangelho. Em uma das sessões, ela proferiu um discurso brilhante durante dezesseis minutos. Muita gente que assistiu à transmissão achou que ela estivesse lendo um documento. Mas não. As palavras saíam com naturalidade, eloquência e paixão:

Não adianta usar o nome de Deus para tentar mascarar os ódios de vossas excelências. Outros já o fizeram e foram completamente cruéis. Mataram a sangue-frio, sem dó, sem piedade, e usando o nome de Deus. As cruzadas são um exemplo

disso. A escravidão é um exemplo disso. O nazismo é um exemplo disso. A ditadura militar – que torturou, explodiu silicones de travestis nos porões da ditadura, matou e escondeu o corpo – o fez também em nome de Deus. Nós não caímos mais nessa farsa. Nós não caímos mais nessa encenação de dizer: “Ah, não, nós estamos aqui falando em nome de Deus, então somos pessoas boas, somos pessoas dignas, honradas”. Falsos profetas, é isso que vossas excelências são. Usam o nome de Deus para pregar ódio, para pregar intolerância. Eu tenho certeza de que se Jesus Cristo voltasse hoje, não seria com vossas excelências que ele se sentaria. Seria conosco, os oprimidos, os humilhados, os amaldiçoados, os apedrejados, aqueles que são expulsos de suas casas pelo simples fato de serem quem são. Aquelas e aqueles que só têm como opção a prostituição, a marginalidade, a violência por [causa de] discursos como esses, que são utilizados em nome de Deus. Deus deve estar envergonhado de tanta maldade, crueldade e ódio sendo proferido em seu nome.⁵

Assim que Erika terminou seu discurso, recebeu o aplauso de deputados e representantes dos movimentos sociais, que a ovacionaram em pé. Por minha vez, eu a abracei longamente. Fiquei emocionado, pois vi Jesus no grito da Erika Hilton. Vi Jesus no olhar da Erika Hilton. Vi Jesus na história da Erika Hilton. Vi a mesma coragem de se erguer

5 Brasil. Congresso Nacional. *Contrato civil de união homoafetiva*. Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família. 27 set. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/evento-legislativo/70166>. Acesso em: 3 mar. 2025.

em favor dos oprimidos diante dos poderosos, sem covardia. Mas também vi um corpo igualmente perseguido pelo sistema político e religioso, sacrificado a Deus como um ato de limpeza social.

Mas de tais sacrifícios, diz a Bíblia, Deus não se agrada.⁶

A autoconfiança da Erika me impressiona muito. É uma característica que eu não tenho: sou tímido, inseguro, ansioso, preocupado. Ela é sempre esse brilho, essa força, essa potência autoconfiante. Acho admirável a forma com que ela construiu para si mesma, e em si mesma, esse lugar de empoderamento. Sessão a sessão, uma sinergia surgiu entre a gente. Nossas falas se conectaram. Houve muito carinho e empatia. Na luta em favor do casamento civil igualitário, nasceu entre nós uma “fraternura”, a mistura de fraternidade com ternura, como dizia Paulo Freire. Diante daquele Congresso ultraconservador, a gente se aproximou e estreitou a amizade. Da luta vieram as conversas, a partilha, a construção da confiança, o falar sobre si e sobre a vida. Nossa amizade veio das mãos dadas, enfrentando o fundamentalismo, a misoginia, a LGBTfobia. A gente se conectou como resistência, como o florescimento de uma esquerda negra, popular e diversa, que dialoga com a fé de nosso povo.

6 Um escritor bíblico anônimo afirmou: “Não se esqueçam de fazer o bem e de repartir com os outros o que vocês têm, *pois de tais sacrifícios Deus se agrada*”. (Hebreus 13:16, grifo do autor). Tiago, irmão de Jesus, escreveu: “A religião que Deus, o nosso Pai aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo” (“mundo” como “sistema”). Ele ainda acrescenta que a religião daquele que não sabe controlar a própria língua não tem valor algum (Tiago 1:26-27).

Mas não foi apenas nos corredores de Brasília que a amizade entre mim e a Erika se fortaleceu. A gente foi construindo laços para além da militância, da afinidade política: no momento após as sessões, no bar, na casa de alguém. Em 2023, geralmente de quarta-feira à noite, a gente costumava ir a um barzinho na Asa Norte. Ali, nossas equipes conversavam, trocavam ideias, desfrutavam de uma cervejinha, uma caipirinha, um suco. Era um momento de relaxamento, troca, brincadeira.

Em um desses dias, alguém do bar colocou uma música ambiente. Era “Principia”, a primeira música do álbum *AmarElo*, do Emicida, e da qual participo com uma poesia. A gente foi cantarolando e, em certo trecho, a Erika e eu nos levantamos, cantando. Formou-se uma espécie de semi-círculo ao nosso redor. E quando chegou a parte da minha poesia, nós dois, no centro, declamamos juntos:

Vejo a vida passar num instante
Será tempo o bastante que tenho pra viver?
Não sei, não posso saber
Quem segura o dia de amanhã na mão?
Não há quem possa acrescentar um milímetro a cada estação
Então, será tudo em vão? Banal? Sem razão?
Seria, sim, seria, se não fosse o amor

A gente olhava um para o outro, meio que num jogo cênico. A Erika dominava, com seu jeito empoderado. Eu tentava acompanhá-la. Foi um momento muito bonito no meio do caos de plenárias carregadas de feiura e agressividade.

O amor cuida com carinho
Respira o outro, cria o elo
No vínculo de todas as cores
Dizem que o amor é amarElo

Na luta do dia a dia, construímos uma amizade profunda. E a cada dia, sigo aprendendo com essa companheira. Juntos, fazemos política com coragem, brilho, amor nos olhos e cabeça erguida. Abrimos caminhos, rejeitamos destinos, colorimos as ruas, derrubamos opressões, dançamos na avenida da existência. Fé por meio do amor. Amor como revolução.

